

A ilusão do multitasking

Potencialidades e limitações do cérebro humano



Alexandre Ventura
Doutor em Educação pela Universidade de Aveiro/Portugal

Na última edição da *Linha Direta*, analisamos o comportamento humano frente ao desenvolvimento tecnológico, no qual impera o instantâneo, o fugaz, o inacabado, o interrompido. A partir do cenário em que vivemos, surge o questionamento sobre a capacidade do indivíduo multitasking: a mente humana está preparada para ser multitarefa?

A nossa memória tem limitações óbvias que lhe tornam impossível acompanhar o ritmo da avalanche de estímulos internos e externos a que estamos expostos no nosso cotidiano. Paul Reber, professor da Northwestern University, nos EUA, afirma em seu artigo *What Is the Memory Capacity of the Human Brain?*, publicado na *Scientific American*, que "existe um gargalo na passagem da informação dos nossos sentidos para a nossa memória". A nossa capacidade de percepção não é acompanhada pela de descodificação e de memorização dos estímulos. Estabelecendo uma analogia com a arquitetura e funcionamento de um computador, Reber afirma que o limite da memória humana não é o espaço no disco rígido, mas sim a velocidade de registro das informações. "As coisas acontecem mais rapidamente do que a velocidade com a qual o nosso sistema de memória é capaz de anotá-las", conclui.



©Sergey Nivens/Stockphoto

REVISTA LINHA DIRETA

O cérebro humano possui cerca de 1 bilhão de neurônios. Cada um deles estabelece cerca de 1 milhar de ligações com outros neurônios, criando assim uma extraordinária capacidade de armazenamento de aproximadamente 1 milhão de gigabytes. Isso equivale à quantidade de imagens reproduzidas por um televisor que estivesse ininterruptamente ligado durante 300 anos.

Ao contrário do que pensamos durante os últimos anos, não somos multitaskers. O nosso cérebro não funciona através de uma alocação da sua concentração e da sua capacidade de processamento em mais do que um foco de atenção em simultâneo. O nosso raciocínio dedica-se a um elemento de cada vez. Quando está a "ler" algum objeto ou situação, está dedicado a apenas isso. Em seguida poderá dedicar-se a outro objeto ou a outra situação. A rapidez com que se processa essa inteligibilidade provoca-nos a ilusão de estarmos a fazer mais do que uma coisa ao mesmo tempo, mas não passa de uma fantasia. Na verdade, nós somos "unitaskers". Claro que isso é uma limitação em face da versão ilusória, mas muito disseminada, sobre a nossa relação com os estímulos, a informação e o conhecimento.

A complexidade das redes de aprendizagem que hoje existem, a pluralidade de formas de partilha de conhecimento e os novos hábitos sociais que acabam, paradoxalmente, por contribuir com frequência para um maior ensimesmamento e solidão das pessoas parecem não levar em consideração as referidas limitações do cérebro humano.

Temos que priorizar as nossas tarefas, focar aquilo que seja mais importante para permitir ao nosso cérebro maximizar suas funções e proporcionar-nos melhores resultados. Quando, de forma totalmente irrealista, tentamos acompanhar a quantidade plétórica de informação e conhecimento, estamos a ditar o nosso desperdício e a nossa frustração. Temos que encontrar uma forma de regressar a dimensões da nossa relação com os estímulos que nos permitam contemplar e apreciar a beleza ou o interesse daqueles que elegermos. Está mais do que na hora de os seres humanos retomarem as rédeas dos seus focos de atenção, em vez de se deixarem dominar pelo vórtice da informação e do conhecimento que nos leva a uma autotiranania e que nos deixa vazios.

Na próxima edição da *Linha Direta*, analisaremos a realidade multitasking no ambiente escolar. Confira! ■

www.alexandre-ventura.com